

AÇÃO DIRETA

LUTAMOS CONTRA TODAS AS FORMAS DE TIRANIA, DE EXPLO- RAÇÃO E DE OBSCURANTISMO, E EM PROL DE LIBERDADE E BEM-ESTAR PARA TODOS.

FUNDADO PELO PROF. JOSÉ OITICICA EM 1946

Redação:
Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922

CORRESPONDÊNCIA:
Caixa Postal, 1 — Agência da LAPA — RIO DE JANEIRO

AVULSO: CR\$ 3.00
Assinatura anual Cr\$ 50.00

O Problema da Habitação

O TRABALHADOR CONSTRÓI PALÁCIOS E ABRIGA-SE EM FAVELAS E MOCAMBOS

Necessidade essencial é a habitação. E o pobre, o trabalhador, o homem do povo, no Brasil, de maneira quase que geral, não reside, não fora, abriga-se em choças de palha e em ranchos de pau-a-pique, em mocambos e favelas, em cortiços e porões. Nem ar, nem luz suficientes. Ausência de condições de higiene, formando ambientes propícios ao desenvolvimento de moléstias contagiosas. Promiscuidade forçada, contribuindo para a degenerescência moral e física da grande maioria dos brasileiros.

Enquanto nos arrabaldes onde reside a gente rica, em lindas e confortáveis residências, rasgam-se belas avenidas arborizadas e asfaltadas, ajardinando-se praças com farta iluminação por toda a parte, derrubam-se habitações perfeitamente habitáveis, para, em seu lugar, serem construídos palacetes, nos bairros onde os trabalhadores são forçados a morar, o aspecto é inteiramente diverso.

Nos arrabaldes e subúrbios populares não há água encanada, nem esgoto, nem iluminação, nem limpeza pública. O que há é poeira ou lama, sujeira, água servida correndo pelas ruas esburacadas, há, enfim, falta absoluta de higiene e de qualquer conforto.

Não constitui isso um contraste chocante denunciando uma injustiça clamorosa? Sem dúvida que sim.

Essa injustiça deve, portanto, ser enfrentada decisivamente, para que tenha pronta solução. Como? Voltando-se a atenção daqueles a quem isso compete também para esses bairros abandonados. Estendam-se até eles as canalizações de água e esgoto e os fios de iluminação, pavimentem-se suas ruas, abram-se praças ajardinadas, façam chegar até lá as carroças da limpeza pública.

E' preciso que se lembrem de que o povo é gente — gente que trabalha e produz, e que paga impostos, que, enfim, é parte ativa da coletividade, tendo direito, pois, a uma vida decente a que o seu esforço faz jus.

Precisa, desde logo, de casas para morar, de habitações, modestas que sejam, mas cómodas e higiênicas. E não se alegue que seja um problema de difícil solução. Como para os apatacados a solução é encontrada? Os grandes arranha-céus, os palacetes, as ricas vivendas multiplicam-se incessantemente. Pois que se construam igualmente habitações para o povo, que é quem constrói as moradias dos ricos.

Não existem, dentro das cidades e de suas periferias, terrenos baldios? Não há, igualmente, capitais vultosos acumulados nos bancos, nos institutos de aposentadorias, usados para construções suntuosas? Não se acumulam fortunas colossais nos depósitos de gás, luz e água e nas caixas econômicas? E que fortunas imensas não entesouram as congregações religiosas para serem canalizadas para o Vaticano!

Pois que se ponha já, mas sem demora, toda essa fortuna imensa em ação na construção de bairros residenciais, em habitações para o povo, por toda a parte.

Nessa obra poderão ser ativadas cooperativas, formadas por engenheiros, operários da construção civil, oleiros, por todos aqueles, enfim, que contribuem para as construções, incluindo os próprios inquilinos.

Poder-se-á, ainda, estabelecer que a cada arranha-céu construído corresponda o compromisso da construção de uma certa porcentagem de casas populares.

Tudo prático, simples, justo e exequível.

Mas nada se fará sem a intervenção direta dos interessados, dos inquilinos, do povo, que nada poderá esperar de quem quer que seja — da burocracia parlamentar e governamental ou de partidos políticos.

O problema da habitação sómente poderá ser resolvido pela ação popular, direta, ativa e incessante, organizando-se o povo em ligas de inquilinos e consumidores de ruas, ampliando-se por quarteirões, bairros e cidades e agindo em cooperação com os sindicatos operários.

Dessa forma, se prestará uma contribuição à luta para o advento da sociedade libertária, na qual, dentro da solução normal do problema da habitação, corresponderá à condição de produtor o direito irrecusável a uma habitação construída na medida das possibilidades coletivas.

EDGARD LEUENROTH

CENTRO DE ESTUDOS JOSÉ OITICICA

Prosseguindo suas atividades culturais, o Centro de Estudos José Oitica realizou mais quatro conferências sobre os seguintes temas: "O que é a maçonaria?", por Roberto das Neves; "O cooperativismo nas relações humanas", pelo escritor Ferreira da Silva; "A antroposofia e o mundo moderno", pelo dr. Frederico Müller; "A psicanálise e o mundo contemporâneo", pelo dr. Newton Josetti.

Destacamos a palestra do dr. Josetti, que tratou de forma criteriosa uma série de problemas humanos sob o ângulo psicanalítico.

O "Jornal do Brasil" publicou comentário a respeito na edição de 14-11-58.

O ciclo de conferências prossegue

tôdas as quartas feiras, às 20 horas, na sede do Centro (Avenida Almirante Barroso, 6 — 11.º andar — sala 1101), estando convidados todos os companheiros e leitores de nosso jornal.

Encerrando suas atividades do ano de 1958, promoveu mais duas palestras em sua sede (Av. Almirante Barroso 6, sala 1101): "A educação nas democracias e seus problemas", pelo professor Coriolano Vieira; "Nacionalismo, Internacionalismo e Anacionalismo", por Roberto das Neves.

O professor Coriolano discorreu sobre o fracasso da educação democrática no Brasil e apontou como uma das causas a Igreja Católica. No final da palestra, travou-se amplo



Acumular riquezas à custa do sacrifício do povo — com o encarecimento das utilidades — eis a base do regime capitalista dominante.

O Cooperativismo como Elemento Educativo

Que a cooperação serve, supondo um câmbio profundo da sociedade, para encaminhar a vida econômica, é um fato que não se nos havia passado despercebido.

Assim também soubemos julgar que atualmente, em tudo que tenha de correta aplicação dos princípios rochdalianos, cada cooperativa é um fator propício para desenvolver o tipo de valores mais acordes com uma sociedade sem exploração, sem classes e sem mandões.

O cooperativismo, em seu ramo de consumo, conta em nosso país com um alto número de aderentes.

As cooperativas de consumo têm pessoal assalariado. Isso é uma fonte de conflitos. Porque pode dar-se o caso de que o patrão coletivo — os sócios consumidores — os seus representantes — juntas administrativas — se sintam animados por essa classe de atitudes que caracterizam o comum e silvestre patrão capitalista.

Ao mesmo tempo, o excesso de pessoal administrativo reflete o mal nacional da burocracia estatal, que com o custo de seus lucros, encarecem os produtos. A exata quantidade de empregados deveria ser objeto de um estudo técnico que solucionasse a questão.

O cooperativismo, quando se aplica em forma intensa e estritamente fiel a seus princípios inspiradores, tende a minar as bases da exploração capitalista. Simplesmente porque cumpre as funções que o capitalismo cumpre, porém sem estar animado dos móveis do lucro.

Substituído o intermediário explorador, tanto o que elabora produtos como quem os compra se vêem economicamente beneficiados: o lucro que recebe o intermediário pode assim ser repartido entre produtores e consumidores: afim de au-

debate, tendo os companheiros do Centro apresentado suas soluções para o problema. A "Tribuna da Imprensa" deu boa notícia sobre essa palestra.

O companheiro Roberto das Neves disseceu o problema do nacionalismo, visto pelos ângulos econômico e cultural, dando definição acertada a essa nova religião política. Tomaram parte nos debates os companheiros presentes.

mentar o bem estar de uns e de outros e para permitir a inversão em novos elementos de produção que barateiam o produto.

A organização, em mãos cooperativas, de alguns setores da produção poderá ser ocasião propícia para que o trabalho seja repartido em forma equitativa e se eliminem as hierarquias que fazem das oficinas redutos da velha autocracia.

Destas apreciações surgiu o constante intento dos anarquistas para impulsionar o cooperativismo. Em todas as ocasiões tratamos de aplicar o que é substancial no cooperativismo de acordo com as circunstâncias reais.

Uma transformação total da sociedade ou da vida econômica dificilmente poderá ser realizada somente com a multiplicação das cooperativas. "Os adversários também lutam". O capitalismo não dorme. Porém as possibilidades de maior bem estar no presente e a implantação de peças de uma estrutura evolucionável a formas socialistas libertárias, têm sido elementos necessários e suficientes para inspirar nosso cooperativismo.

LUTA LIBERTÁRIA

AÇÃO DIRETA

Diretor:
EDGARD LEUENROTH
Administrador:
IDEAL PERES

A publicação de "Ação Direta" está confiada à comissão de quatro companheiros nomeados em reunião plenária, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada a IDEAL PERES, para a Caixa Postal 1 (agência da Lapa), Rio de Janeiro.

Em S. Paulo ha uma comissão encarregada do trabalho de arrecadação de recursos, colaboração e da divulgação do jornal.

Superpopulação e Conseqüências

Em reportagem concedida a um jornal paulista, declarou Dom Helder Câmara que, de 29 de setembro a 5 de outubro de 1957, realizou-se no Vaticano a I Reunião do Supremo Conselho de Migração, órgão destinado a enfrentar o problema hoje crucial da necessidade de migrar, que se levanta para muitos milhões de criaturas.

Esclareceu o arcebispo-auxiliar do Rio de Janeiro que, «para a Igreja é fácil colocar em volta de uma mesa bispos de países superpovoados (de emigração) como o Japão, a Holanda, a Itália, e bispos de países de imigração como o Brasil, a Argentina, a Venezuela, o Canadá e os EE. UU.. E na I Reunião do Supremo Conselho de Migração, o encontro se deu marcado por uma largueza de visão realmente cristã e servido por dados objetivos, que permitiram chegar a conclusões seguras e práticas.

Um dos países focalizados naquele conclave foi o Japão, unidade política que tem hoje, uma população de 88 milhões de habitantes, num território de apenas 368.000 kms², dos quais somente 0,2 é constituído de terras aráveis. O governo japonês decidiu promover uma política de controle da natalidade e acabou por legalizar o aborto, premido pelas condições econômicas. Dizem as estatísticas que os abortos legais naquele país, em 1955, subiram a 1.500.000.

Nessa pequena entrevista, aquele preposto do Vaticano expôs um aspecto social gravíssimo e tão velho quanto o mundo. No Japão o aborto é legal, como também o foi no início do regime bolchevista na Rússia. Aqui no Brasil sua prática é absolutamente proibida. No entanto, sabemos que essa proibição é tão respeitada como qualquer outra lei. Se fosse possível fazer uma estatística, veríamos que o número de abortos que se pratica entre nós (ilegalmente), superaria em muito àquela cifra. Basta que qualquer pessoa gelosamente entreviste uma parteira, e mesmo alguns médicos, que enriquecem com a prática de abortos, cujo preço varia segundo a situação econômica da cliente. Os médicos de Santa Casa e ambulatórios podem descrever os casos horríveis de mulheres que lá aparecem diariamente, para serem «consertadas» após o «serviço» nelas feito por parteiras e charlatões.

Esse problema seria sanado, pelo menos atenuado, com um melhor esclarecimento da mulher, acerca das questões sexuais, a par da divulgação entre o povo de métodos anticoncepcionais. Em primeiro lugar seriam revogadas as medidas legais que proíbem a venda aqui no Brasil, de agenes químicos e mecânicos, destinados a evitar a gravidez. Em seguida, nos Postos de Saúde, ambulatórios e hospitais, os médicos explicariam a todas as mulheres o mecanismo da reprodução e como fazer para controlar a natalidade. Seria estabelecida a esterilização gratuita de homens e mulheres que o desejassem. Isto pode parecer uma revivescência dos métodos nazistas. Mas não; apenas, dos males, o menor. Já que não é possível obrigar uma mu-

(Continua na 2.ª pág.)

Anarquismo - Aspirações e Propósitos

De RODOLFO ROCKER

II

A OBRA DE GODWIN — As idéias anárquicas aparecem em todos os períodos conhecidos da História. Contudo, ficou reservado, a uma época não muito distante, a evidência das formas de concepção anarquista da vida, e sua relação direta com os processos da evolução social. Esta relação foi efetivada, por primeira vez, na obra, de magnífica concepção, de Guilherme Godwin, publicada em Londres, em 1793, sob o título: «A respeito da justiça política e sua influência na virtude e na felicidade gerais».

Pode-se afirmar que o trabalho de Godwin representa o fruto amadurecido, naquela longa evolução de conceitos de radicalismo político e social que, na Inglaterra, segue uma trajetória ininterrupta, desde George Buchanman até Jeremias Bentham, José Priestley, Ricardo Price e Tomás Paine. Godwin reconhece que a causa dos males sociais não reside na forma de governo adotada pelo Estado; mas na própria existência do Estado. E o Estado, que é uma verdadeira caricatura da sociedade legítima, transforma seus dependentes diretos em caricaturas de titeres de si mesmo, com o obrigá-los a reprimir, a todo instante, suas naturais inclinações, além de coagi-los a fatos e situações que repugnam a seus impulsos naturais.

Porém o próprio Godwin reconhece que os seres humanos não podem viver de maneira livre e natural, sem

Superpopulação...

(Continuação da 1.ª pag.)

lher a ter filhos contra a sua vontade — ela fará tudo para abortar — que evite a gravidez, o que não é crime nem arriscado, de preferência a cometer um ato bárbaro, criminoso e que compromete sua vida.

Nada mais louvável que essa preocupação do clero católico, em resolver problemas sociais. Vemos a miude a Igreja intrometer-se em atribuições afetas ao Estado, como o caso do Nordeste brasileiro, o das favelas do Rio e o serviço de emigração na Espanha. Mas não nos iludamos — trata-se apenas de encenação, cartaz, propaganda, quando não simples manejos políticos. Igreja e Estado criam problemas, isto sim — já-mais os solucionam. No Brasil, quem impôs ao Estado Novo de negrada memória, medidas ainda hoje em vigor, proibindo a difusão de métodos para controlar a natalidade, foi o clero católico. Na Itália e na Índia, países onde os lares são «abençoados» por muitos filhos e lutam contra a plethora demográfica, é a fé religiosa que estimula a procriação, fazendo disso um dever. E há pouco tempo, não vimos os regimes nazista e fascista, expressões máximas do Estado Nacional, obrigarem quase as mães a procriar ao máximo, no sentido de fornecer soldados à pátria, carne para canhão? E aí estão os resultados dessas idéias e processos loucos: a superpopulação, a miséria nos lares proletários, a subnutrição, a mortalidade infantil, o aborto.

Na realidade, nem o Estado Nacional, nem seu parasita maior, que é o sacerdócio organizado, são capazes de resolver qualquer problema humano, pois representam interesses subalternos de diminutas castas e classes sociais, que lutam para sobreviver. E mesmo que haja boa intensão por parte de alguns, é de pouco alcance, pois o Estado Nacional só beneficia a seus cidadãos e o clero aos profíctos da sua respectiva religião, exercendo além do mais uma perseguição cruel e tenaz aos estranhos. A história está demonstrando que nenhuma iniciativa tomada no interesse de místicas religiosas, castas e governos, pode prevalecer. Realizações sociais verdadeiras, só mesmo quando no interesse real do povo, e diretamente. Fora disso é demagogia, engodo.

J. CARDOSO

que produzam as condições econômicas adequadas, e sem que sejam evitadas as formas de exploração do homem pelo homem.

Os representantes de quase todos os radicalismos políticos foram incapazes de tecer estas considerações, e assim se obrigam a conceder maiores concessões ao Estado, em que pese sua pretensão de reduzi-lo à expressão mais simples.

As idéias de Godwin, relativas a uma sociedade sem Estado, envolviam o princípio da propriedade social de toda e qualquer riqueza natural ou social, e o desenvolvimento da vida econômica através da livre cooperação dos produtores. Neste sentido, pode-se afirmar que ele foi o fundador do anarquismo, conforme mais tarde foi concretizado.

A obra de Godwin exerceu vigorosa influência nos círculos mais adiantados do proletariado britânico, e entre os vultos de maior projeção da intelectualidade liberal. E contribuiu a oferecer ao jovem movimento socialista inglês esse iniludível caráter libertário que o caracterizou durante muito tempo.

Contudo, maior influência exerceu, no desenvolvimento da teoria anárquica, José Proudhon, um dos escritores mais bem dotados intelectualmente, e de melhor talento entre os vultos do socialismo moderno. Proudhon encontrava-se integrado completamente na vida social e intelectual de sua época, e esta posição lhe inspirou todas as questões tratadas por ele. Portanto, não deve ele ser julgado, como o consideraram muitos de seus discípulos, apenas através de seus postulados práticos, oriundos da necessidade do momento. Entre todos os pensadores socialistas de sua época, ele possuiu uma compreensão mais profunda a respeito da causa da desordem social, e teve ainda uma visão ampla a respeito da realidade circunstante. Ele se colocou em posição de polêmica, em relação a todos os sistemas, e viu na evolução social o estímulo externo que conduz a novas e mais elevadas formas de vida intelectual e social, além de alimentar a convicção de que esta evolução não pode ficar sujeita a nenhuma fórmula abstrata.

Proudhon opôs-se à violência da tradição jacobina, que dominava o pensamento dos democratas franceses e da maioria dos socialistas daquele tempo. Para ele, a grande responsabilidade da revolução do século XIX consistia em libertar a sociedade destas duas excreções abjetas: a autoridade do Estado, e os excessos dos monopólios. Proudhon condenava a propriedade como privilégio, que significa exploração, mas reconhecia a propriedade dos instrumentos de trabalho, entre todos, e praticada através de grupos industriais, relacionados entre si por livre contrato, em condições tais que seu uso não prejudicasse a outrem. Esta organização, fundada sobre a reciprocidade, garante a igualdade dos direitos para todos, em troca de uma igualdade de serviços. O tempo de trabalho empregado na elaboração de cada produto, proporciona a medida justa de seu valor e a base para o seu intercâmbio. Assim, o capital perde o valor e uso em forma de usura.

Esta forma de economia revela ser supérfluo qualquer mecanismo político de caráter coercitivo. A sociedade se converte em associação de comunidades livres, que regulam suas tarefas em consonância com as necessidades, e em meio às quais a liberdade do homem encontra, na liberdade dos outros, segurança e apoio. «Quanto mais livre, e independente, for o indivíduo na sociedade, melhor será para ela mesma».

Esta organização federalista, em que Proudhon via o futuro imediato da humanidade, não prevê limitações definitivas contra as possibilidades de ulterior desenvolvimento, e oferece as mais amplas perspectivas, a cada indivíduo, para cada atividade social. Partindo do ponto de vista da «federação», Proudhon combateu ainda as aspirações do unitarismo político do então florescente nacionalismo. Ele exerceu forte influência no desenvolvimento do socialismo, que atingiu climas de todos os países latinos.

Os políticos profissionais, diretores e manobreadores das eleições, montam, para seu uso e uso de seus patrões, os homens do dinheiro, uma vasta máquina eleitoral que lhes assegura e entrega o parlamento. — JOSE OITICIA

Desarmai os espíritos e não haverá um só braço disposto a empunhar um fusil para matar a outro homem. — H. BARBUSSE

Nota Administrativa

Importâncias recebidas

Após a nota publicada no número 130, foram recebidas as seguintes importâncias, pedindo que nos seja avisado imediatamente se, porventura alguma quantia aqui não figurar:

CONTRIBUIÇÕES

P.F. da S., 150,00 (Set. a Nov.); Ven., 300,00 (Set. a Nov.); Edgart, 300,00 (Set. a Nov.); J. R., 50,00 (Out.); P. Bi., 100,00 (Out.); Alc., 50,00 (Out.); Sant., 400,00 (Out.); P. Ci., 100,00 (Out.); Paula, 50,00 (Out.); Med., 50 (Out.); J. M., 100,00 (Out.); Amil, 50,00 (Out.); Ever, 50,00 (Out.); Esther, 400,00 (Set. a Dez.); Grupo José Oiticia, 2.000,00 (Ago. e Set.); V., 200,00 (Out. a Dez.); A. A. V., 200,00 (Out. e Nov.); Ipê, 425,00 (Out. e Nov.); Gon., 600,00 (Out. a Dez.); R. F., 100,00 (Out.); Elias, 150,00 (Out.); J. F., 80,00 (Out.); J. P., 20,00 (Out.); Per., 10,00 (Out.); A. M., 25,00 (Out.); H. S., 20,00 (Out.); E. M., 20,00 (Out.); J. P. G., 60,00 (Out.); A. E., 20,00 (Out.); Je. F., 35,00 (Out.); O. R., 20,00 (Out.); A. G., 10,00 (Out.); S. C., 50,00 (Out.); B. E., 30,00 (Out.); J.P., 15,00 (Out.); A. P., 100,00 (Nov.); Od. Ful., 50,00 (Nov.); A. D., 20,00 (Nov.); Al. Ag., 700,00 (Nov.); A. Du., 400,00 (Nov.); O. Ag., 100,00 (Nov.); J. Ag., 100,00 (Nov.); João Ron., 60,00 (Nov.); Lop., 50,00 (Nov.); Laert., 50,00 (Dez.); Sat., 400,00 (jul. a Nov.); R. V., 200,00 (Mar. e Ab.); C. Vals., 300,00 (Jul.); R. S., 200,00 (Mai., Jun., Jl. e Ago.); Ar. Ag., 150,00 (Nov.); L. Ag., 50,00 (Nov.); Sonia, 500,00 (Nov.).

VENDA AVULSA Cr\$ 409,20

É preciso que os amigos de «Acção Direta» não retardem a remessa de suas contribuições, que é com o que contamos para a sua publicação, por todos nós tão desejada.

Acção direta não é necessariamente acção violenta. Acção direta é ir direito ao fim, pelos caminhos iluminados, pelos meios limpos, isentos de colaboração suspeita. — P. FERREIRA DA SILVA

Psicanálise e Religião

Por E. REDE

Mais uma vez venho preencher esta coluna de Acção Direta com um comentário sobre um livro de Erich Fromm. Isto se explica. A psicanálise humanística de Fromm chega a conclusões tão afins com os princípios libertários que se torna uma necessidade mostrar essa coincidência. Escolhi o livro por dois motivos: por estar traduzido ao português e pela maneira original com que analisa as religiões e a experiência religiosa.

A tese fundamental consiste em demonstrar que psicanálise e religião não são coisas contraditórias mas sim campos diferentes do conhecimento humano. Ambas deveriam trabalhar no sentido de dar ao homem uma situação emocional básica que lhe permitisse desenvolver o tema de todas as religiões: **ama teu semelhante como a ti próprio.**

Erich Fromm aceita de Freud o conceito de que o entrave ao desenvolvimento humano reside nos laços incestuosos que conservam o homem dependente e incapaz de amar livremente. Porém rejeita a ênfase colocada por Freud no instinto sexual e amplia os laços incestuosos com qualquer tipo de autoridade: família, religião ou Estado.

Segundo Freud, os homens sentem necessidade de religião porque continuam reagindo infantilmente e procuram reduzir sua insegurança pela admiração e confiança numa autoridade superior. Sómente quando o homem se livrar dos temores infantis poderá usar a razão e poderá amar ao seu semelhante. A inovação que Erich Fromm traz no seu livro consiste em demonstrar que a experiência religiosa não é indispensável à maioria dos homens para sua integridade e desenvolvimento. Porém, por religião, ele entende qualquer sistema de pensamento e acção seguido por um grupo e capaz de dar ao indivíduo uma linha de orientação e um objeto de devoção. Fromm sentiu bem a tragédia do ser humano que, transcendendo a Natureza, não deixa, no entanto, de ser animal e por isso vive em eterno descontentamento. Daí a necessidade de procurar experiências que permitam ao homem desenvolver suas potencialidades e encontrar uma nova harmonia com a Natureza.

As religiões seculares tornaram-se um entrave ao desenvolvimento porque mantêm o homem submisso e medroso. O mais interessante de sua exposição está na divisão que ele faz das religiões, em autoritárias e humanistas, afirmando que todas elas foram humanistas a princípio. Buda,

Jesus, Isaías, Sócrates, Spinoza preconizaram as mesmas coisas. Todas estavam centralizadas pela idéia do homem e suas potencialidades. Capitulando com o poder secular, as igrejas estagnaram-se ao manter dogmas e abandonaram os princípios humanistas que lhes deram origem.

Em seguida revela a contribuição valiosíssima que a psicanálise trouxe à compreensão da experiência religiosa mostrando vários aspectos da questão. Pode-se entender hoje que Deus simboliza o que o homem é **potencialmente**. Com o conhecimento do processo de racionalização sabe-se agora que muitos sistemas de pensamentos são meras fugas ao isolamento e ao medo, sem nenhuma base emocional que lhes dê sentido. E pelas análises das atitudes neuróticas (atos compulsivos, rituais, etc.) verifica-se que a humanidade está ainda presa a formas primitivas de idolatria: culto aos ancestrais, totemismo, fetichismo, culto da limpeza, etc.

Qual é o objetivo da psicanálise atualmente? Fromm analisa as duas tendências atuais: aquela que visa unicamente o ajustamento do indivíduo e a consequente eliminação dos sintomas e a que procura ajudar o paciente a adquirir uma atitude positiva perante a vida: **Levar o homem a conhecer a verdade progressivamente, a ser independente e livre, a constituir um fim em si mesmo e não um meio para outras pessoas.** Como bem diz Fromm a saúde mental não pode ser separada do básico problema humano: independência, integridade e capacidade de amar. Para isto o homem terá de ser libertar dos laços incestuosos. Os Estados e as religiões exploram este tabú do incesto. Isto é procura tornar claro em seu livro. É preciso terminar com as religiões autoritárias que projetam em Deus o melhor que existe no ser humano, ficando este empobrecido e tornando-se dependente, submisso e mau. Mau porque se despreza a si mesmo e ao seu semelhante e está cheio de sentimentos de culpa que aparecem na análise com desejos conscientes ou inconscientes de punição. Afirma ainda que as religiões autoritárias predominam porque, nas sociedades governadas por uma minoria política, o homem vive impregnado de medo.

No último capítulo, Erich Fromm considera quatro aspectos da experiência religiosa e mostra a contribuição que a psicanálise trouxe para a compreensão de cada um deles: aspecto experiencial, científico-mágico ritualístico e semântico. Termina o livro afirmando que: **“o problema da religião não é o problema de Deus e sim o problema do homem; não interessa nada a afirmação ou negação da crença em Deus e sim a negação ou afirmação das atitudes humanas. Já é tempo de unir os esforços noutra questão — desmascarar as formas contemporâneas de idolatrias: o Estado, a máquina e o êxito; não interessa se nos denominamos religiosos ou não desde que estejamos preocupados com a essência e não com o envólucro, com o homem e não com a Igreja; estando solidários na negação da idolatria, teremos uma fé comum e encontraremos mais amor fraternal”.**

O governo de si mesmo é melhor do que o bom governo. — SIR HENRY CAMPBELL-BANNERMAN.

O problema não consiste em saber como seremos melhor governados, porém com seremos mais livres. — PROUDHON.

Onde comprar «Acção Direta»

Encontra-se à venda, no centro, nas seguintes bancas do Rio:

Na E. F. C. B. (na rampa de saída).

Em frente à Light.

Na Rua Marechal Floriano, esquina de Conceição.

Av. Rio Branco, esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bitencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Bitencourt da Silva.

Lapa (ponto de bondes).

Uruguiana, esquina de Alfândega.

Largo de São Francisco, esquina de Andradas.

Praça Tiradentes, esquina de Carioca.

Av. G. Vargas, esquina de Uruguiana.

Av. Almirante Barroso, esquina de 13 de Maio.

R. Araújo Pôrto Alegre, esquina de R. do México.

Ano Novo — Vida Nova!

Ano novo, vida nova! — é o que proclamam uma frase popular já tornada proverbio consagrado. E é de ver como a gente disso se compeetra, a ponto de chegar a alimentar a ilusão de que, com o início de um novo ano, sua situação mudará, que os males que atormentam a maioria neste período agônico da humanidade, cessarão com o silvo da sereia anunciando o último minuto da meia-noite, no derradeiro instante do ano no ocaso, e que, com o raiar do primeiro dia dos 365 a transcorrer, a vida se renovará em plena messe de merecidas felicidades.

Pelas colunas da imprensa ou servindo-se das ondas falantes, balaceiam-se os padecimentos que fizeram sofrer o povo no ano que morre, concluindo-se com votos alvitreiros de um ano novo portador de dias melhores. Não faltam ilustrações representando um velho estropeado — o ano velho — carregando às costas pesado saco contendo todas as suas mazelas, em caminho para o abismo insondável do tempo. A sua frente, por entre raios de luz, surge um rechonchudo garoto, todo saúde, representando o ano novo, promotor de alegrias para todos.

Os funcionários do Correio — coitados! — não têm mãos a medir para dar conta dos cartões de «boas-festas», portadores da expressão de tudo quanto se pode desejar de bom a uma criatura.

As ruas movimentam-se de gente em expansões de alegrias; nos salões rodopiam alegres pares em bailes que avançam, ganhado a madrugada; nos cafés e nos bares, nos restaurantes e confeitarias come-se e bebe-se, ri-se e canta-se em plena orgia de satisfação.

E tudo isso por que? Porque nessa noite encerra-se o ciclo dos dias enfeitados em semanas e meses que a convenção denominou ano. E' que toda a gente quer ter, pelo menos, a ilusão de que, com o badalar das 12 horas do dia 31, findarão suas maguas, como prenuncio de momentos mais felizes.

No entanto, como é ingrata a realidade! Domina o mundo a ameaça apocalíptica da guerra, fazendo já, para lá das linhas do oriente, com que milhares de criaturas que nunca tiveram motivos para se odiarem, se estraçalhem em lutas furiosas, deixando por toda a parte a destruição, a miséria, a dor e a desolação!

E, aqui, ali e acolá, há lares sem pão, enquanto o crime campeia, a corrupção envolve homens e instituições, e agitações de toda a ordem perturbam o sossego da família humana.

Apesar de tudo, «sursum corda!» Sim, elevemos os corações numa afirmação de vontade sã e produtiva, alimentando a esperança de que, vencendo todos os óbices sociais que enegrecem os nossos dias, haveremos de criar uma ordem de coisas capaz de permitir que, de fato, o povo obtenha as suas «boas-festas» e conquiste verdadeiramente o seu ano bom no banquete da família humana — com a substituição da sociedade injusta de hoje pelo regime da socialização dos bens conseguidos com os esforços de todas as gerações.

FREDERICO BRITO

TRIBUNA DE DEBATES

Pode ser-se ao mesmo tempo Anarquista e Maçon?

AFINIDADE, SIM!
INCOMPATIBILIDADE, NÃO!

Por JAIME D. M. BARREIROS

I

Há mais de cinco mil anos que existem maçons sobre a Terra e que a Maçonaria une os homens, que a ela pertencem, em perfeita igualdade de condições.

Desde os primórdios da civilização, quando os homens começaram a preocupar-se com os fenômenos da Natureza, existem laços de fraternidade ligando os homens sábios e puros das mais antigas civilizações, quando se uniam e congregavam para o estudo da Ciência e culto da Virtude com que se fundamentaram os princípios maçônicos, com o fim primordial de conduzir os homens à Virtude pela Ciência e à Ciência pela Virtude.

A Ciência cultuada pelos antigos sábios, que foram os primitivos mestres maçons, não é aquela ciência que se alimenta na memória e se sustenta na leitura, mas aquela que tão bem foi definida por Virgílio como base da felicidade individual, quando escreveu: — "Feliz daquele que pode conhecer o princípio das coisas", frase que, além de expressar uma virtude incontestável, define um dos mais antigos pensamentos maçônicos sustentados pelo grande mestre maçon que foi Virgílio, quando conclamava os seus irmãos maçons para o acompanharem na grande obra da regeneração humana a que ele se dedicou.

Fundamentando-se nesses sábios ensinamentos, é que há milênios está prescrito como regulamento fundamental da Maçonaria, ao qual ainda hoje obedecem todos os legítimos maçons, que os congregados da Maçonaria não só se classificassem mutuamente de Irmãos, mas que tivessem reciprocamente todos os direitos e cumprissem todos os deveres que a Natureza impõe à Humanidade, porque todos são saídos da mesma origem, nascidos sob o mesmo teto que envolve o planeta terrestre, dando a todos a mesma origem e estimulando-os a viverem ligados

por uma mesma afeição em uma existência comum.

Obtivemos pessoalmente a confirmação deste princípio, quando, há mais de trinta e cinco anos, tivemos ocasião de assistir a sessões de lojas maçônicas em diversas colônias africanas, notadamente em Angola, Guiné, Congo Belga, África Equatorial Francesa, Kamerou, Dahomey, Dakar, etc., onde logramos a satisfação de abraçar fraternalmente alguns pretos, mulatos e pardos, que ali eram recebidos e tratados em pé de igualdade, como verdadeiros irmãos maçônicos que eram.

Em Cabo Verde presidimos a uma loja maçônica onde eram admitidos, indistintamente, pretos e brancos, e, na qual foram recebidos muitos pretos caboverdeanos que tinham emigrado para a América do Norte, lá haviam sido admitidos na Maçonaria, e nos visitaram no seu regresso à terra-mãe, e nós os recebíamos dentro da mais franca camaradagem e sincera amizade fraternal.

Quando a religião, basta-nos lembrar a maneira como funcionam as lojas maçônicas em todo o Brasil, pois temos assistido a sessões onde encontramos, em fraternal convívio, abrigados sob a abóbada do mesmo tempo, católicos, protestantes, judeus, maometanos, espíritas e ateus, todos partilhando sincera e dedicadamente dos trabalhos maçônicos para o progresso social, evolução da cultura moral e política do povo brasileiro, dentro da verdadeira Fraternidade Universal.

Já vem de muito longe, dos mais velhos princípios da antiguidade, que a história nos permite conhecer, a compreensão desses deveres de igualdade entre os homens e os povos, apoiados na solidariedade humana, produtos que são das sábias lições ministradas por Platão, Sócrates, Aristóteles, Pitágoras, etc., pois esses sábios adotavam entre si, nas organizações secretas que eram as suas escolas, o título de Irmãos, como título que muito os honrava porque unia simultaneamente, com a mesma doutrina, os seus espíritos e os seus corações.

À MARGEM DA LUTA

O desuso dos direitos de que deve lançar mão o trabalhador, a ganância dos patrões, o desprezo dos legisladores aos assuntos que se relacionam com a harmonia social; e outros elementos, de que não separamos a campanha subterrânea e pertinaz dos grupos internacionais, interessados na obra de confundir a opinião pública, atiraram quase que por completo, a um comodismo que espanta, a uma indiferença que estranhece e revoltou, a classe que detem, em suas mãos, as rédeas da produção.

Vivemos o século do individualismo, e de maneira tão desinteressada, que acreditamos na culpa dos outros, na desídia de autoridades e governos, esquecidos de que nós mesmos somos os responsáveis diretos, e imediatos, de tantos males que nos afligem, e tornam a sociedade em que vivemos intoxicada de males.

O homem vive acovardado diante dos problemas que o desafiam; atua como uma força à parte, esquecido de que sem solidariedade não haverá nunca nem força nem progresso. Deserta da luta, com o encastelar-se na fragilidade de seus pontos de vista, sempre discutíveis, e sempre mal concebidos. E ao sindicato oferece apenas um apoio nominal, formalístico e efêmero, como se compulsoriamente fosse constrangido a pertencer a uma associação, cujos objetivos nem deseja conhecer, e de cujas lutas não pretende participar, embora elas objetivem a solução dos problemas gerais e aqueles inerentes ao próprio indivíduo.

Num clima assim de flagrante política insulacionista, e de absurda caminhada com rumo exclusivo ao bem estar particular, evidentemente não cabem as teorias da igualdade nos direitos, e dos direitos sociais.

Numa sociedade em que os valores são medidos e pagos em bases de critérios convencionais, e fiduciários, não podemos igualar os indivíduos de naturezas heterogêneas, ou de aptidões diversas. Iguais em quê, se as condições peculiares a suas nature-

zas, não colherão nunca, em seus similes? Que igualdade pode existir entre o filho de pais ricos, que encontram lugar na escola pública, ou particular, e o descendente de famílias sem recursos?

Um homem apadrinha-se de recomendações, nutre-se de nepotismos, e obtém 20 milhões, no Banco do Brasil. Movimento essa moeda toda, ainda que de maneira ilícita, e auferir lucros fabulosos. A seu lado, outros muitos, milhares de outros, por falta de prestígio nem sempre decorosos, não colherão nunca, em seus dias terrenos, e nos milênios dos milênios, se estes existirem, uma oportunidade igual. Onde a igualdade, então?

Iguais perante a lei? Como, se ela mesma até que se oculta? Como igualar o direito, as probabilidades de defesa, do homem bem nutrido de forças pecuniárias, e de prestígio social, e o pária de todas as horas, cujo direito único, via de regra, consiste sempre em comer mal, vestir-se mal, dormir em quartos infecto-contagiosos, e não dispor de recursos para oferecer, aos seus, também um lugar ao sol?

O homem da classe média, e daí para baixo, trabalha dezenas de anos, de sol a sol, de honradez a honradez, de sacrifício, de ideal em ideal, para amearhar uns poucos cruzeiros; e construir sua casinha rústica, aumentar a família, educar seus filhos. As tantas, a doença bate-lhe à porta, instala-se no organismo do ente querido e, em poucos meses, os médicos e as clínicas, e as farmácias, lhe consomem os derradeiros centavos cuja obtenção reclamou, anos sem conta, de suores, de sacrifícios, de lutas. Igualdade houve, em quê?

Outro fato curioso, e paradoxal, encontramos-lo nos atos de benevolência, ou de filantropia. Por força de princípios, ou por circunstâncias muitas, de origem subjetiva, ou por médo conformado às crenças confessionais damos esmola, donativos. Se efetuarmos a coleta, perfunctória em-

"Ação Direta"

OPINIÃO DE NOSSOS LEITORES

A exemplo do que já fizemos em outra oportunidade, voltamos a registrar as apreciações dos leitores de «Ação Direta», tal como nos chegam. Esse pronunciamento não somente é útil, como necessário para nos orientarmos na execução da tarefa que o movimento nos confiou.

De Sorocaba: A iniciativa de incrementar a propaganda é valiosa, mas necessitamos levar rumo certo; nada de tergiversações. As eleições francesas para aprovação de nova Constituição e as eleições brasileiras para eleger governantes vêm mostrar os sintomas da decadência mental do povo. Este, hoje como há vinte séculos, quando Nero para apaziguar sua revolta lhe fornecia pão e circo, nada mudou: continua pensando com o estômago. É inútil endeusar o trabalhador na crença de que ele será a alavanca que removerá o mundo da tirania. A sociedade será transformada não com o aplauso das multidões, porém com o esforço consciente dos indivíduos. Necessário se torna que as individualidades se multipliquem e para tanto precisamos ir à juventude sem levarmos em conta sua classe social. Façamos o impossível para transformar a sociedade; porém sem impaciências inúteis e prejudiciais. Estmos numa encruzilhada; mas, se soubermos agir, iremos direto ao objetivo ambicionado.

De Ponta Grossa, Paraná: No tocante ao jornal «Ação Direta», podem incluir-me como assinante e, também, se lhes interessar, poderei colocá-lo em algumas bancas desta cidade para venda. Procurarei fundar um Centro de Estudos, nos moldes do José Otílica, para o que solicito orientação. Devemos fazer um anarquismo militante, lutar pela Patria Planetária; quanto a mim, estou disposto a tudo. Qualquer coisa em que possa auxiliá-los, não vacilem em me pedir ajuda, quer moral quer financeira, nas medidas possíveis, que um estudante pobre pode dar.

De Aracajú, Sergipe: Estou satisfeito com «Ação Direta». É um jornal de propaganda da doutrina anarquista, dentro de uma linha impecável. Por outro lado, acho que devemos perder um pouco de nosso setarismo e ajudar por todos os meios qualquer movimento liberal, mesmo que seja feito por sociedade cultural que vise apenas liberdade e bem estar humano, sem interferência estatal, é lógico.

De Rio Grande do Sul: É «Ação Direta» um jornal que sem reboço e titubeação, propaga e reflete, em linhas gerais, as bases da doutrina anarquista, porém acho que seus artigos, na maior parte, são um tanto prolixos, com tendência literária, tornando sua leitura, para muitos, um tanto enfadonha e incompreensível. (Cidade do Rio Grande).

bora, de dados estatísticos que nos levem a contar os homens que contribuem, e quanto assim contribuem, verificaremos que, em termos de porcentagem, é maior o número dos que ajudam a seus semelhantes, entre os da classe média, e entre o operariado em geral, do que entre os abastados de toda ordem.

Verifica-se, assim, que para minorar o sofrimento alheio e a fome de tantas bocas; para socorrer a tantos infelizes que o Estado não socorre, e cujos infortúnios os governos sempre desconhecem; são necessários pequenos atos de solidariedade. É necessário que o trabalhador tire, do seu bolso, o que falta a ele mesmo, a fim de realizar a obra que é comum, que pertence a todos, numa sociedade que pretende possuir as virtudes da igualdade, e que arrasta, como direito excelente, as conquistas sociais.

PROF. MORAIS

Congresso Anarquista Internacional

Nos últimos cinquenta anos ocorreram quatro Congressos Anarquistas Internacionais: em Amsterdam, em 1907; em Berlim, em 1922; em Paris, em 1949; e em Londres, este ano, de 25 de julho até ao dia 1.º de agosto. Além desses, foram realizadas duas conferências mundiais do Anarquismo: a primeira, em 1948, e a segunda, em 1950.

Os nossos Congressos não se realizam com maior frequência, dada a circunstância de que os anarquistas, de um modo geral, não lhe atribuem grande importância. E chegam, até, a alertar o grupo de companheiros que neles depositam excessiva confiança. Contudo, reconhecem os anarquistas que tais encontros de companheiros, oriundos de diversos países, sempre propiciam resultados positivos.

A proposta de convocação de um Congresso Anarquista Internacional é quase sempre secundada pela idéia que objetiva a criação de uma Internacional Anarquista. Foi assim que, em Senigallia, em 1958, a Conferência Anarquista se declarou contrária à criação de uma Internacional Anarquista, oficial, embora fosse favorável à participação, em próximo Congresso Internacional.

E com efeito, para tornar mais sólidos, internacionalmente, os elos que devem unir os anarquistas, não necessitam estes de qualquer organização ou entidade. Bastam-lhes, isto sim, o intensificar das atividades, dos anarquistas em todos os movimentos; os maiores contactos entre os companheiros; a continuidade de relações entre eles; a troca de idéias, de notícias, de solidariedade; uma compreensão maior dos problemas e das situações dos anarquistas, em todos os países do mundo.

Conquanto a imprensa do anarquismo, em diversos países, não oferecesse muito destaque ao recente Congresso Internacional realizado em Londres, pelo menos durante sua fase preparatória, ele foi, no entanto, longa e cuidadosamente preparado, graças aos esforços da Comissão de Relações Anarquistas Internacionais (C.R.I.A.) que desde a Conferência Internacional, ocorrida em Paris, em 1950, fôra incumbida de recolher as opiniões dos companheiros, as propostas, as discussões e os temas que devam ser encaminhados ao Congresso, a preparação da Ordem do Dia, sem excluir, do certame, qualquer tendência ou corrente. A C.R.I.A., desincumbiu-se, de maneira louvável, e levou a bom termo todos os trabalhos do referido conclave.

Este Congresso, por desejo quase unânime dos companheiros, deveria ter sido realizado em Paris, por força de todas as vantagens que esta cidade oferece aos anarquistas da Europa. No entanto, em maio, no instante em que a C.R.I.A. se preparava para fixar definitivamente, a data e o local do Congresso, ocorreu o golpe militar em Argélia. A C.R.I.A., assim, foi obrigado a aceitar a proposta que anteriormente lhe fôra encaminhada, e que pretendia a realização do Congresso, em Londres, onde um grupo de companheiros se encontrava disposto a desenvolver todo o trabalho preparatório, que um Congresso exige. Se a troca de sede eventualmente contribuiu a diminuir o número dos participantes, há que assinalar o fato de que o ambiente criado pelos companheiros londrinos muito favoreceu o bom sucesso de todos os trabalhos, e a criação de uma atmosfera de compressão e de fraternidade.

A este Congresso Internacional compareceram representantes da Itália, da Inglaterra, da Alemanha, do movimento libertário espanhol que se encontra exilado, e do símile búlgaro, representado pela União Comunista Anarquista Búlgara; companheiros da Holanda, da Bélgica, do Chile; e os representantes dos movimentos anarquistas da América do Sul, agrupados no Comitê Internacional da América Latina (R. I.A.) foram representados pela C.R.I.A.; e anarquistas do Japão, do México, do Peru, do Brasil, da Palestina, e outros países que mandaram sua adesão, ou mensagens de saudação.

A Ordem do Dia, que abrangia muitos temas históricos, teóricos e práticos, e administrativos, foi discutida em três línguas: em inglês, em alemão e em francês. E os temas apresentados podem ser agrupados assim: 1.º — confronto entre os pontos de vista e dos estudos pessoais, locais e nacionais, do ambiente social, e dos movimentos libertários da primeira metade do século XX; 2.º — os grandes problemas do início da segunda metade do nosso século, à luz do conflito existente entre o Estado e a Sociedade; 3.º — a concepção libertária, em face ao totalitarismo do nosso tempo.

É evidente que, em oito dias apenas, embora as discussões tenham sido intensas, não foi possível tratar todos os temas, em grande profundidade; mas eles foram postos em evidência, a fim de patentear que os anarquistas vivem em sua época, e que há necessidade de estudá-los, a fim de que sejam solucionados de maneira anarquista.

Até que possamos publicar as dis-

cussões e as resoluções do Congresso, para conhecimento de todos, divulgamos algumas impressões e alguns comentários práticos que nos foram referidos pessoalmente pelo companheiro Marzocchi, representante da Federação Anarquista Italiana ao Congresso de Londres.

Os congressistas adotaram o método de trabalho anárquico, com o excluir decisões e conclusões que, de qualquer forma, tivessem um caráter autoritário. E, assim, foi obtida a colaboração de todos, em oposição à idéia de que a sede real de toda atividade é o indivíduo. Qualquer anarquista pode, através do Boletim da C. R. I. A., ou através de nossas publicações, estabelecer uma associação concreta entre os anarquistas de todo o mundo, através de informações, de notícias de interesse geral, e da participação em debates, com suas propostas, sugestões e iniciativas.

Os companheiros reunidos em Londres procuraram dar maior importância às realidades que unem os anarquistas, do que aos pontos de desânimo. E chegaram à conclusão de que as tendências, as correntes, os diversos grupos — sem exclusões nem imposições — podem livremente associar-se em movimento de pluralidade, sem necessidade de uma declaração de princípios, de uma formulação de programas e da criação de um organismo representativo.

Entre as muitas propostas práticas apresentadas ao Congresso, destacamos: a publicação de um volume que aprecie os últimos cinquenta anos do movimento anarquista internacional; melhor coordenação do serviço de imprensa; a continuidade do Boletim internacional; a manutenção dos arquivos, o financiamento de várias iniciativas, a solidariedade internacional, etc.

A C. R. I. A. que é o órgão de contactos internacionais e que se revelou indispensável, permanece com o nome de Comissão Internacional do Anarquismo (C. I. A.). E sua sede será em Londres, em face à situação criada na França. A C. I. A. terá a colaboração dos companheiros da Europa Ocidental, do Grupo Anarquista de Londres, dos Grupos Libertários de Hamburgo e de Bruxelas, do Movimento Anarquista italiano, e do símile espanhol, no exílio. As relações entre a C. I. A. e os outros continentes serão mantidas através das respectivas Comissões.

Um Congresso é um despertador a nos lembrar tudo quanto devemos fazer. Aos mais ativos, ele apela no sentido de que não parem nunca; antes, intensifiquem sua obra, se possível. Aos preguiçosos, ele adverte que não podem ser considerados anarquistas aqueles que cruzam os braços, e não aceitam nenhuma parte do trabalho embora muito há que empreender. O campo das atividades anarquistas — é imenso: cada um de nós pode escolher o próprio lugar, conforme as suas possibilidades. Os problemas permanecem diante de nós: não é necessário nenhum esforço, para encontrá-los. Mais do que novas ações é necessário fazer bem tudo quanto, até agora, foi mal feito. E não conformar-se com as tradições do passado, em que muita coisa já não possui atualidade, em nossos dias. É necessário não acreditar em que os problemas se encontrem resolvidos, pois, em verdade, não estão. Nem devemos nos ufanar de possuir remédio para os males sociais apenas porque possuímos uma bela fórmula, ou sejamos capazes de repetir idéias inteligentes e originais de nossos teóricos.

É necessário trabalhar seriamente, a fim de que nos possamos introduzir na ação social dos nossos tempos, a fim de despertar o espírito crítico, e sacudir a inércia, e empreender uma obra de esclarecimento à nossa volta, e combater contra todos os conformismos, contra as grandes mentiras proferidas contra a evidência da crítica moderna, e encontrar, no terreno social de nossos dias, as razões de nossa ação, a confirmação de nossas verdades.

O Congresso Internacional de Londres disse que muito há, para empreender ainda, e que existe trabalho para todos. Cada um de nós deve responder ao apelo que o Congresso lançou, se em verdade desejamos que a história trabalhe PARA nós e não CONTRA o anarquismo.

AÇÃO DIRETA

ANO 13 — N.º 132 — JANEIRO DE 1959

No Reino da Ditadura Salazarista

CAPANGA DE SALAZAR QUER ENFORCAR OPOSICIONISTAS EM COIMBRA — O FAMIGERADO CORONEL MAGRO ROMÃO

Ao contrário do que aconteceu com Hitler e Mussolini, que conseguiram ludibriar o povo, sendo pelo mesmo guindados ao poder, Salazar foi apoiado por forças ocultas e reacionárias que souberam empalmar uma revolução que não fizeram. Seus 32 anos de reinado devem-se, em grande parte, aos partidos políticos que, em guerras sucessivas entre si e com a preocupação em reter o avanço da emancipação social do proletariado organizado, deixaram que forças reacionárias agissem livremente dentro de suas próprias fileiras. Assim temos até hoje um povo de largas tradições revolucionárias sob as botas de um frade sem hábito.

No poder o ditador desfrudou a bandeira «esfarrapada do equilíbrio das finanças» e de «pôr termo às lutas partidárias e pacificar o povo», ideias que assentavam bem na burguesia em geral, o internacionalmente. Mas seus fins eram bem diferentes: Montar a máquina repressiva para exterminar os adversários mais ferrenhos, e amoldar os restantes. Para isso munuiu-se de uma escumalha de gente que, pelos seus crimes já cometidos, seriam subservientes incondicionais ao novo regime. Era preciso esmagar a ideia de renovação social que então pairava no país, e assassinar os seus propagadores, pondo em prática os velhos métodos inquisitoriais. Uma das figuras que que se dispôs a seguir o ditador foi o coronel Magro Romão a quem vou apontar à opinião do mundo livre, para que esta possa conhecer os seus feitos «preciosos» a favor do moralista católico Oliveira Salazar. Magro Romão, hoje coronel, e atual comandante do regimento de metralhadoras n. 2 aquartelado em Coimbra, é um militar de curta inteligência, mas de rara «valentia». Foi desde o começo da ditadura fervoroso defensor dos métodos violentos, não tardando a ser nomeado diretor (ainda tenente) da polícia política (PIDE) na cidade do Porto. Estava-se em 1937, período negro da criação do Tardafal (campo de concentração) e outros matadouros humanos. Naquela cidade invicta, o tenente Romão espalhou o terror, tendo ganho o título de «Casa da Morte n. 329» para a sede da «PIDE», instalada na rua do Heroísmo. Lá matou ou inutilizou para sempre dezenas de cidadãos, alguns pelo simples fato de serem discordantes do regime fascista. Tal era a onda de crimes ali cometidos sob suas ordens que não lhe foi possível impedir que os mesmos transpirassem e ganhassem eco, em todo o país, a ponto do ditador ter medo de assumir a responsabilidade transferindo-a para África. (Recordo-me nessa época de ouvir pronunciar o seu nome como de um monstro tenebroso, de um terrorista desalmado de um sanguinário ao serviço de Salazar). O ditador afastou-o para bem longe das vistas das suas vítimas, que tanto martimizara, mas estas não o esqueceram.

Em África tomou logo parte num vultoso roubo, tendo o seu amo (Salazar) ordenado um inquérito para se apurar a veracidade da denúncia contra seu tão valoroso defensor Magro Romão. O inquiridor, capitão Henrique Galvão, atualmente preso e condenado a 16 anos, por ter denunciado outros roubos no seio do governo, constatou que a denúncia tinha fundamento. Ante o conhecimento do público, Magro Romão foi expulso do exército por ladrão, título que se foi juntar ao que já conquistara na sede da «PIDE», na cidade do Porto, de assassino.

Decorridos alguns anos, o ex-tenente Magro Romão, bem digno de figurar entre os grandes tartufos que enfileiram no livro do sociólogo francês Agustin Hamon «Paicologia do Militar Profissional», foi elevado ao posto de capitão por Santos Costa e Salazar, e reintegrado no exército, indo comandar o batalhão de metralhadoras n. 2 em Coimbra. Chegado ali, volta às suas atividades terroristas, saindo por vezes fora de sua esfera de ação. Salazar através do seu ministro, promove-o ao posto de major, por merecimento.

EDGART RODRIGUES

É de um jornal clandestino o que vamos transcrever, e que bem demonstra a baixeza do seu caráter e o seu instinto sanguinário: «Ao chegar a Coimbra o dr. Afrânio Vicente, candidato à presidência da república — nas eleições à Salazar — o major Magro Romão saiu para a rua com seu exército, e desrespeitando as ordens do comandante daquela região militar, mandou criminosamente espancar o povo indefeso, que nas ruas aplaudia o candidato democrático, ferindo centenas

A Reação na Bulgária

Protesto do Congresso Anarquista Internacional

O Congresso Internacional Anarquista, realizado em Londres, no Clube Malatesta, a 25 de julho de 1958, informou a morte misteriosa do companheiro Manoel Vassev, na prisão de Sliven, Bulgária, ocorrida a 12 de março.

Considerando que a morte desse militante, cuja longa atividade libertária e sua heróica participação na luta de resistência ao fascismo durante a guerra anti-nazista era bem conhecida de todos os operários e intelectuais da Bulgária, constitui uma vergonha para o regime bolchevista;

Protesta enérgicamente contra a repressão do Estado búlgaro, que produz com nostálgica insistência o que o fascismo e o estalinismo teve de mais cruel;

- pede que:
- 1.º seja aberto um inquérito público sobre a morte de Manoel Vassev;
 - 2.º que sejam libertos das prisões e campos de concentração todos os detidos anarquistas, sindicalistas, socialistas e outros antifascistas entre os quais Christo Kilev, Stefan Kotakov, Detcho Wassilev, Dobri Ivanov, Kosta Karakostov e Jordan Kovatchev;
 - 3.º que cesse imediatamente a sistemática perseguição exercida contra os anti-fascistas não conformistas com a ideia e fatos do poder estatal e da sua instituição policial;
 - 4.º que seja outorgado a estes anti-fascistas o direito de deixarem o território búlgaro e de poderem refugiar-se nos países que lhes derem asilo político.

A Ciência e o Estado

Palavras à Juventude

Do Prof. MOACIR CAMINHA

Só há uma verdade: a conformidade do homem com a natureza das coisas, a obediência às leis da Natureza interpretadas pela ciência. Fora da ciência, só há erros, abusos, mentiras. A ciência é objetiva. E só há um objeto da investigação científica: os fenômenos e as relações dos fenômenos entre si. Tudo o mais é mentira, ilusões, invenções, ignorância.

Escreveu um sociólogo italiano: «Lançai os olhos para todas as partes, e depois dizei-me se é o talento e a probidade, ou pelo contrário, se é a fraude, a intrujice, a intriga, a hipocrisia, a mentira, a vileza, a perfídia, o favoritismo, todas as paixões mais torpes, todos os meios mais degradantes, que triunfam. Esta é a sociedade atual!»

de pessoas. Posteriormente, ao chegar à mesma cidade o general Humberto Delgado — candidato independente — o major Magro Romão preparou-se com seus soldados para sair de novo à rua, tendo desta feita sido impedido pelos seus companheiros de farda. Porém, não satisfeito com a derrota moral de seu amo, Salazar afirmou em alto e bom som no café «Arcadia», de Coimbra: AINDA ESPERO NÃO MORRER SEM VER ENFORCADOS NOS CANDIEIROS DE COIMBRA CINCOENTA PATIFES DA OPOSIÇÃO». As palavras «generosas» deste fatídico defensor de Salazar, motivaram outro comentário, este de um jornal vendido naquela cidade, «O Despertar», de tendência democrática. Eis o que ele diz: «É uma afirmação violenta, com raízes que parecem mergulhar no ódio manguando a nossa sensibilidade e formação cristã, obrigando-nos a classificar mal quem publicamente a profere. A força? Só a palavra enerva...»

Se o major Magro Romão fizesse publicamente estas afirmações num país democrático, se não fosse punido, seria pelo menos chamado à ordem, e a imprensa arrazaria o seu intento bestial. Mas em Portugal, onde se prende por andar descalço, por atravessar as ruas fora de esquadria e por ser simples discorde do regime (ainda que em silêncio), o major Magro Romão foi premiado com o posto de coronel. Para o ditador não importa a pessoa que cometeu um ato de «bravura» contra o povo, mesmo que seja ladrão ou assassino; desde que ajude a sustentar o seu governo, é quanto basta para ganhar uma promoção. Enquanto existir uma dupla coincidência, os medrosos e bandidos como Magro Romão, o fascismo continuará vivendo em Portugal, embora em permanente declínio. Ao povo batalhador, que tantas vezes tem dado provas de sua valentia ao mundo, cabe erguer-se contra o moralista Oliveira Salazar e os ladrões que acoberta (como Magro Romão e outros que figuram sentenciados nos diários oficiais) derubando-os, pois são eles os balões de oxigênio que alimentam a ditadura.

Daqui protestamos contra as monstruosas afirmativas do coronel Magro Romão, certo de que tentará por em prática o seu intento. Desde que a oposição não empreenda um movimento à altura de varrer para sempre tiranos sem escrúpulos e sem moral como esse militar.

Daqui o apontamos aos homens conscientes do mundo livre, para que marquem este nome — Magro Romão — que, em qualquer país onde apareça, é um perigoso inimigo da liberdade.

Outro João XXIII?

Surpreendeu-me a primeira notícia, segundo a qual o atual papa se fez eleger com o nome de João XXIII. De momento até pensei que se tratava de algum cochilo de quem redigiu a notícia ou do linotipista. E que, por estranho que vos pareça, tenho a dizer-vos que já existiu outro papa com o mesmo nome. E assim como o atual, que antes se chamava Angelo Giuseppe Roncalli, o outro, quando ainda não havia conquistado o tão ambicionado posto de pontífice, tinha o nome de Balthasar Cossa.

Balthasar Cossa era napolitano e pertencia a uma família da nobreza. Tinha temperamento brigão e de tendências belicosas. Seus pais mandaram-no para um convento, do qual escapou, ajuntando-se a um bando de piratas que exploravam as costas da baixa Itália durante as guerras de Ladislau e de Luiz d'Anjou. Como resultado das suas espantosas atrocidades, logo se fez chefe daqueles corsários.

Quando as vitórias de Ladislau restabeleceram a tranquilidade nos reinos de Nápolis e da Sicília, Balthasar Cossa tratou de se fazer padre e foi à universidade de Bolonha, onde comprou o barrete de doutor. Mais tarde, Bonifácio IX vendeu-lhe o arqui-diocanato desta cidade; mas logo se aborreceu dessa residência e indo à corte de Roma ali se elevou a cardeal. Como compensação de infames condecorações para com o papa Bonifácio, tornou-se camareiro secreto. «As suas novas funções — diz-nos Maurício de Lachatre — (Os Crimes dos Papas, 3.º vol., edit. Barata e Cia., Lisboa) deram-lhe uma grande influência que ele aproveitou para recuperar as somas consideráveis que despendera nos lupanares de Bolonha; fez-se nomear coleto da santa sede, enviou cobradores por toda a Europa, lançou imposições sobre os eclesiásticos da Alemanha, Dinamarca, Suécia e Noruega, sob a ameaça de os exilar para províncias afastadas das suas igrejas; obrigou-os a comprarem-lhe indulgências, absolvições, relíquias, benefícios, ornatos e comendas; finalmente fez jogar tão bem as molas da astúcia sacerdotal, que em menos de dois anos achava-se mais rico que o papa e pôde então comprar a impunidade dos seus crimes. Era grande a lista deles, pois que em Roma contava-se um número prodigioso de jovens religiosas que ele desflorara, introduzindo-se de noite nas suas celas; dizia-se que entretinha um comércio incestuoso com a mulher de seu irmão; acusavam-no de ter violado três jovens irmãs das quais a mais velha tinha apenas doze anos e, além disso, de haver abusado da mãe, do filho e do pai! O escândalo dos seus deboches tornou-se tão grande que o próprio Bonifácio, um sodomita sem vergonha, foi obrigado a afastá-lo da sua corte; deu-lhe uma missão externa e encarregou-o de fazer entrar no dever os bolonheses que se tinham revoltado contra a santa sede. O cardeal legado pôs-se à frente das tropas pontificias, bateu os Viscontes, que vinham em auxílio dos insurgentes, e apoderou-se da cidade; então achou-se senhor absoluto e pôde dar livre curso às suas paixões desordenadas».

Quando morreu Bonifácio IX, protetor de Balthasar Cossa, os bolonheses tiveram a esperança de se verem livres deste tirano e enviaram emissários a Inocêncio VII, então eleito papa, para lhe oferecer dinheiro bastante a fim de o interessarem em favor deles, mandando chamar o legado. Infelizmente, Balthasar foi posto ao por do negócio e imediatamente remeteu para Roma o dobro da importância, fazendo, deste modo, abortar o objetivo dos bolonheses. As principais pessoas que ele suspeitava terem tomado parte na conjuração, foram entregues aos tribunais da Inquisição e, por sua ordem, decapitados, depois de lhes haver confiscados os bens.

Com o pontificado de Inocêncio VII não melhorou a sorte dos bolonheses. Mas quando foi eleito Gregório XII, seu sucessor, algumas pessoas tomaram-se da coragem de reclamar a expulsão de Balthasar Cossa. Gregório fulminou contra o legado uma sentença de excomungação.

Quando em 1952, estive em Roma, não vi (nem poderia ter visto, é claro) nas galerias do Vaticano o retrato ou a efígie, entre as demais, de João XXIII; será possível que nos anais do Vaticano também não conste a passagem de Balthasar Cossa pela Igreja, já como cardeal, já como papa?

Direi, ainda, que João XXIII, acabou por ser destituído em consequência das suas ignomínias, apesar do ambiente reinante, favorável a que ele as tivesse praticado. Mas não teve o trágico fim que antes tiveram muitas de suas vítimas. E a mesma assembleia que tratou da sua deposição a ocupar-se de João de Hus, terminando por condená-lo à fogueira.

(1) Consta que existiu um papa, no século IX, que passou à História como papa Joana, que se fez eleger sem que, dentro da própria Igreja, ninguém tivesse notado que era mulher. Daqui as cerimônias da cadeira furada, cuja explicação para os bons entendedores não se faz necessária) a fim de que tal fato não se viesse a repetir.

Tal cerimônia substituiu até ao século XVI.

OSWALDO SALGUEIRO